

UNIFORME E CULTURA VISUAL: CÓDIGOS VISUAIS DO ESCOLAR

Teresinha Maria de Castro Vilela
artecaxias@uol.com.br

Victor Junger
victorjunger@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ISSN 2316-6479

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre o uniforme escolar presente no cotidiano como artefato visual.

Palavras-chave: artes; artefato visual; cultura visual

Abstract

The purpose of this article is to reflect about the school uniform present on the everyday life as visual artifact.

Keywords: arts; visual artifact; visual culture

O uniforme escolar é obrigatório na maioria das escolas do Ensino Fundamental, conhecido também como farda ou fardamento. Hoje, quando Brasil atinge a quase universalização do acesso ao Ensino Fundamental, é possível afirmar que em algum momento ele fará parte da vida escolar de grande parte dos brasileiros como indumentária. Desta forma, propomos uma reflexão do que deles suscitam desde suas cores e tecidos aos modelos e estéticas a partir dos quais foram concebidos.

Para Duncun (2003), os artefatos visuais podem ser os mais variados como a fotografia, que escolhemos para este estudo, tendo como foco o uniforme escolar, que veremos a seguir. Os estudos da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2007) corroboram para reconstrução das nossas referências, da forma como olhamos e somos olhados, aqui pensamos e perguntamos como o uniforme escolar como artefato visual vem nos construindo como sujeitos.

Erinaldo Nascimento lembra que “para a Cultura Visual, é muito importante comparar narrativas e modalidades de representações imagéticas diferentes, mesclando épocas e culturas diversas”. (NASCIMENTO, 2009, p.50).

Nesse sentido, a pesquisa feita por Mônica Marcon (2010, p.17) ratifica trazendo outras representações. Pois, seria o exército uma das primeiras instituições no século XV, “a utilizar um tipo de vestimenta igual”, além de hospitais, hospícios e asilos. A autora menciona que no Brasil o uniforme escolar passou

a ser usado a partir do século XIX, “durante o período da República e eram inspirados nos modelos militares do Exército Nacional” (MARCON, 2010, p.29) e que na década de 1930 as escolas de uma forma geral passaram a adotar o uniforme, já que, antes deste momento, apenas algumas escolas tradicionais o faziam. Dados da pesquisa de Mônica Marcon podem ser observados na (fig.1):



Figura 1: Colégio Felisberto Menezes, Rio de Janeiro. Fonte: autora

Nesta fotografia é notória a influência do uniforme tendo como referente privilegiado a vida adulta, assim como, na postura dos educandos do Colégio Felisberto Menezes com data de 1947, que se encontrava localizada no bairro do Maracanã, Rio de Janeiro. O colégio, por sua vez, oferecia o Curso Clássico – o Ginásio, atual Ensino Fundamental Séries Finais.

Longe de reproduzir o modelo militar/prisional, a escola procurou se distinguir das demais instituições criando objetos, figuras e procedimentos que lhe fossem próprios. Acreditamos, por sua vez, ser excessivamente precipitado advogar em favor de uma suposta semelhança entre escola e prisão/exército, já que tal feita, em certa medida, obliteraria os processos de diferenciação que, em um dado momento, permitiram o seu surgimento, posto que somente estes processos sejam capazes de justificar a rápida expansão do dispositivo disciplinar no/pelo tecido social.

Nos espaços de poder, como no caso da escola, o uniforme apaga os referentes singulares do corpo em prol de uma lógica que favoreça o ordenamento disciplinar. A visualidade outorgada pelo uniforme, ao compor o cenário escolar como uma camada homogeneizadora, também permite a fácil identificação e captura dos elementos diferenciadores que ensejam a livre afirmação de sua singularidade. Tais manifestações são tidas frequentemente como verdadeiras

ameaças já que, de certo modo, elas equivalem à aparente demolição do edifício disciplinar e, com ele, a perda de toda a funcionalidade das relações.

Neste momento, uma das escolas públicas em que um dos autores trabalha, está acontecendo à mudança de uniforme, em que a frase como “*se não vier com o novo uniforme não entra*” é ouvida repetitivamente. Assim, propomos a partir do deslocamento, reflexões sobre o uniforme escolar como artefato visual que, ao pretender uniformizar a imagem dos coletivos, revela mais que uma estratégia meramente organizacional, como também singularidades nas diferentes formas de uso. Assim, é fonte de informações importantes sobre as realidades das instituições escolares e dos praticantes de seus cotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DUNCUN, P. Visual Culture in the Classroom. *Art Education*, p. 25-32, mar. 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MARCON, Mônica. *Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares: reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000 Caxias do Sul)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul, 2010.
- NASCIMENTO, Erinaldo Alves. Representações da morte para aproximar a escola da vida: uma experiência com a cultura visual no Ensino Básico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO Irene (Orgs). *Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

Minicurrículos

Teresinha Maria de Castro Vilela é doutoranda em Artes (PPGARTES/UERJ), mestre em Artes Visuais (UFPB/UFPE), com especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas (UnB), graduada em Educação Artística (UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes(UFPB), do Grupo de Pesquisa Ensino em Artes Visuais (UFPB) e do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (UFRRJ/UERJ). Professora de Artes SME/Duque de Caxias-RJ.

Victor Junger é pedagogo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente, é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ), bolsista CAPES e integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte (UFRRJ/UERJ).